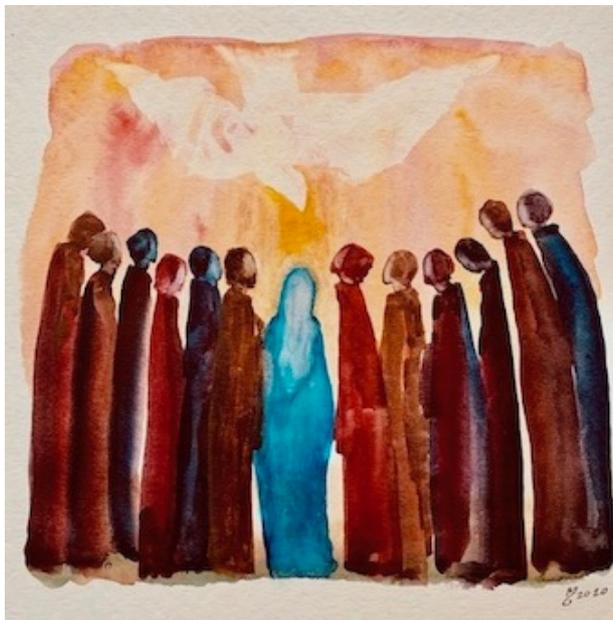


Carta do Abade Geral Mauro-Giuseppe Lepori OCist para Pentecostes 2022

Sinodalidade da comunhão



Caros irmãos e irmãs, visitando o Capítulo Geral da Ordem Cisterciense da Estrita Observância, no dia 10 de fevereiro, festa de Santa Escolástica, na véspera da eleição do novo Abade Geral, dei uma conferência sobre a sinodalidade, que suscitou um bom diálogo tanto durante a assembléia, como depois. Propus, então, em alguns Capítulos de Congregações, e entendi que seria útil que fosse conhecida por toda a Ordem, também para nos preparar para o nosso Capítulo Geral, em outubro próximo. Por isso pensei em enviar-vos esta conferência como carta de Pentecostes, também porque a sinodalidade é um dos principais dons, que o Espírito Santo concedeu à Igreja desde suas origens. Hoje Papa Francisco, nos convida a redescobrir a natureza sinodal da Igreja como um renovado Pentecostes, a serviço da nova evangelização do nosso mundo ferido, sedento de salvação e de paz. Juntemo-nos a ele, e a todo o Povo de Deus, neste desejo e neste compromisso, e rezemos para que o Paráclito nos torne, como Maria e os apóstolos, servos humildes e amigos fiéis de Cristo Redentor! Santo Pentecostes a todos!

O despertar da sinodalidade

De quando o Papa Francisco lançou o caminho sinodal, lembrando que a sinodalidade faz parte da natureza da Igreja, percebo, sempre mais, de quanto o nosso carisma beneditino-cisterciense seja marcado pela sinodalidade eclesial. Sabemos o quanto a *Carta caritatis* seja uma obra-prima de consciência sinodal da nossa família monástica, e quanto a Regra de São Bento inspirou esta consciência e experiência sinodal, em nossos primeiros Pais. Percebo que esta consciência e experiência em que a Igreja, 60 anos depois do Concílio, parece despertar, está provocando em nós um despertar de consciência e experiência do nosso carisma. No concreto de nossos encontros capitulares ou de outros encontros, na colaboração entre nossas Ordens e na Família

Cisterciense, ou mais amplamente, na busca de soluções para os problemas e fragilidades de nossas comunidades como por exemplo nas Visitas regulares, percebemos que nenhuma solução pode dar esperança, se não marca o início de um "caminhar juntos", de um caminho sinodal, onde reencontramos unidade e energia em seguir Cristo, "caminho, verdade e vida", que nos chama a segui-Lo com amor e confiança.

«Tomé disse-lhe: 'Senhor, não sabemos para onde vais; como podemos saber o caminho?'. Respondeu-lhe Jesus: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida". (Jo 14, 5-6) Também nos perguntamos: "Como podemos conhecer o caminho", o caminho que temos que percorrer hoje, talvez na escuridão ou nevoeiro, talvez depois que as estradas trilhadas por muito tempo, que nos tranquilizavam, se revelem impraticáveis, abruptas para nossas forças, muito escorregadias porque cobertas pela lama de tantos nossos erros ou infidelidades. Muitas pontes desmoronaram, muitos túneis se encheram de detritos, muitos caminhos se tornaram traiçoeiros demais para serem percorridos. Diante de tudo isto, ressoa com clareza a resposta de Cristo a Tomé, o discípulo desorientado: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida". E acrescenta: "Ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14, 6).

Tomé, como nós, deve perceber que a desorientação em que se encontra, não se resolverá com a descoberta de um novo caminho praticável e seguro, que pode aparecer por milagre, mas por uma Pessoa presente que diz, com certeza: "Eu sou o caminho!" De repente, Tomé e os outros apóstolos percebem que estavam procurando o caminho, sondando o horizonte, o futuro, o espaço e o tempo escondidos pela escuridão e pela neblina, enquanto o caminho estava na frente deles, ali com eles, sentado à mesa com eles. Perceberam, mas por enquanto sem entender muito, que o caminho era um percurso junto com Cristo, um caminho que não começava pela construção de estradas, pontes, túneis, percursos de montanha ou trilhas no deserto, mas sentados, como Maria de Betânia, à mesa da comunhão com Jesus e, por meio Dele, da comunhão com o Pai, no Espírito Santo.

A sinodalidade começa e se nutre na comunhão, permanece verdadeira, fecunda, e cristã, se o caminho que percorre continua sendo um caminho junto com Cristo e junto com os irmãos e irmãs, em Cristo.

Ide! Eu estou convosco.

Percebi que a cena final do Evangelho de Mateus descreve o início do caminho sinodal da Igreja, com todos os elementos para vivê-lo.

«Os onze discípulos foram para a Galileia, para a montanha que Jesus lhes havia indicado. Quando o viram, adoraram-no; entretanto alguns duvidava, ainda. Mas Jesus aproximando-se e disse-lhes: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, pois, e fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo o que vos prescrevi. E eis que estou convosco sempre, até o fim do mundo".» (Mt 28,16-20)

Jesus envia seus discípulos em missão a todos os povos e ao fim do mundo, com o dever de difundir a comunhão trinitária na humanidade, batizando todos no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Garante-lhes que permanecerá com eles, isto é, em comunhão

com eles, todos os dias e para sempre. Isto cria imediatamente uma característica indispensável da missão cristã: que só pode acontecer na comunhão dos discípulos entre si. De fato, Jesus diz "Ide": é uma missão declinada no plural, que devemos viver como um "nós" eclesial que transmite o grande "NÓS" das três Pessoas da Trindade.

Mesmo durante sua vida terrena, Jesus nunca enviou um discípulo em missão sozinho, mas sempre em dois, pelo menos. Parece-me que a única vez que deixou um discípulo ir sozinho, foi quando disse a Judas, depois de lhe dar o pão: "O que queres fazer, faze-o depressa" (Jo 13,27). Os outros pensavam que Judas tinha recebido de Jesus uma missão a cumprir, mas era Satanás, que acabava de entrar nele, e o empurrava a mover seus passos, a enviá-lo sozinho para trair a missão de Cristo.

Não é apenas uma questão prática, de apoio recíproco, que Cristo envia seus discípulos de dois em dois. De fato, quando os envia, lhes dá o poder de curar os doentes, expulsar demônios, ressuscitar os mortos, sobreviver aos envenenamentos, etc. Se alguém tem todos estes poderes, mesmo que esteja sozinho, é invencível. Que necessidade teria de apoio fraterno? Na realidade, Jesus quer que a missão dos discípulos testemunhe uma força na fraqueza: "Ide, eis que vos envio como cordeiros no meio a lobos" (Lc 10,3), e depois acrescenta que não devem levar dinheiro ou reservas, instrumentos úteis para a missão. E tinha acabado de dizer que os operários são poucos (cf. Lc 10, 2). Mas em vez de equipá-los com defesas, armaduras, de formar um pequeno exército para defender a segurança, os envia indefesos, desarmados, sem proteção, sem meios, expondo-os ao martírio.

A consistência da missão

Tudo isto evidencia, a importância da única coisa que Jesus permite levar na missão: o amor fraterno, a amizade, o cuidado recíproco, enfim, **a comunhão**. Os discípulos não precisam dela para serem fortes ou para resolver problemas de viagem, mas para evangelizar não só *falando* do evento de Cristo, mas sim *transmitindo*, transmitindo a experiência, e uma experiência contínua, não só uma experiência do passado, ou que se promete para o futuro. *A comunhão fraterna em Cristo é a consistência da missão, de toda a missão da Igreja*, também da missão dos mosteiros. A comunhão é o movente, o método e o fim; a origem, o sentido e a finalidade da missão da Igreja.

Depois que Judas saiu do Cenáculo, Jesus falou disto aos outros apóstolos: "Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros. Assim como eu os amei, amai-vos uns aos outros. Nisto todos saberão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros". (Jo 13, 34-35)

A comunhão é amor recíproco, amar uns aos outros. É o amor que Jesus acendeu entre seus discípulos, que acendeu na Igreja amando-nos até o fim, lavando nossos pés, falando-nos do Pai e permanecendo, verdadeiramente, entre nós.

A indissolubilidade entre comunhão e missão, é expressa por duas palavras semelhantes de Cristo, que se refletem como dois lados, onde no meio se desenrola todo o mistério pascal da morte e ressurreição do Senhor:

"Assim como o Pai me ama, assim também eu vos amo. Permaneceis no meu amor." (Jo 15, 9)

«"Disse-lhes outra vez: a Paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio". Depois destas palavras soprou sobre eles, dizendo: "Recebei o Espírito Santo".» (Jo 20, 21-22)

A comunhão é este amor trinitário entre o Pai e o Filho no dom do Espírito, que é irradiante por natureza. A comunhão se comunica. A comunhão é, por natureza, *comunicação*. E *a missão é a comunicação da comunhão*. Sem comunhão não há missão. A comunhão é a consistência da missão. Então, somente a comunhão é o sujeito da missão. No sentido de que, se não há experiência de comunhão, uma realidade de comunhão, isto é, uma comunidade, mesmo que seja só de duas pessoas, um estar juntos, um "nós", se isto não existe, a missão se torna como a luz daquelas estrelas, extintas há milhões de anos, que chega até nós agora e nos iludimos que elas existem. Ao invés, aquela luz não tem mais fonte, não tem mais consistência, não há mais um sujeito que a irradia.

Morrer para si mesmo para viver em comunhão

Ide... Batizai... Ensinai... "eis que estou convosco sempre, até o fim do mundo" (Mt 28,19-20). É necessário que Cristo permaneça conosco para alimentar - amando-nos como o Pai o ama - a comunhão fraterna, que deve ser difundida a todos os povos.

Tenho a impressão de que a grande crise da missão da Igreja, a todos os níveis, também em nossas Ordens monásticas, não é tanto uma crise no empenho missionário, mas uma crise de comunhão, no viver a comunhão de Cristo. E corremos o risco de desperdiçar a graça deste tempo, se não compreendemos *a qual conversão de comunhão, a sinodalidade nos pede para ser fecunda como missão*. Em outras palavras, tenho a impressão que no viver a missão da Igreja, em todos os níveis, não é a missão em si que assusta, mas a comunhão. Porque? Porque para viver a comunhão, mais do que uma decisão exterior, mais do que um empenho exterior, é necessária uma conversão interior, somos convidados a viver um processo que nos muda, em profundidade. A missão, certamente também pede uma decisão interior, uma caridade, um sacrifício, capacidade de anúncio, de testemunho até ao martírio. Mas é sobretudo a comunhão que exige uma profunda conversão de si, uma passagem de carácter pascal, um entrar na vida que passa por uma morte. Porque a comunhão exige a passagem do *eu* ao *nós*, uma passagem em que o "eu" deve morrer, para ressuscitar.

Não se torna "nós" apenas por adição, mas através uma transformação pascal. O "eu" não se torna um "nós" simplesmente acrescentando outros "eu" ao meu "eu", como acrescentando outras moedas à moeda que tenho. De fato, Jesus escolheu a parábola do grão de trigo para explicar como passamos do "eu" ao "nós": "Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo que cai na terra não morre, permanece sozinho; se morrer, produz muito fruto. Quem ama a sua vida irá perdê-la; mas quem odeia a sua vida neste mundo, a conservará para a vida eterna". (Jo 12,24-25)

Jesus recorda que a fecundidade consiste em "não permanecer sozinho", em tornar-se um "nós". Não somos fecundos se formos fortes, bonitos, inteligentes, numerosos. Seremos fecundos se vivemos a comunhão. Quem pensa que ama sua vida amando seu individualismo, seu conforto, ganho, interesse, glória, irá perde-la. Por isso Jesus nos

pede para, literalmente, "odiá-la", não a vida em si, mas a imagem falsa, egocêntrica e autônoma da vida que carregamos dentro de nós, por causa do pecado.

A comunhão assusta porque implica na morte de si mesmo. Quando João escreve em sua primeira carta: "Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos nossos irmãos. Quem não ama permanece na morte" (1 Jo 3,14), na realidade nos faz compreender que, para que o amor fraterno nos faça passar da morte para a vida, é necessário morrer para a falsa vida de amar a nós mesmos.

Os graus da ressurreição

Como se dá este renascimento para uma comunhão, que irradia a presença e o amor de Cristo?

Quanto mais medito a Regra de São Bento, mais percebo que nela nos é oferecido um processo de conversão à comunhão de Cristo. A Regra inteira propõe e repropõe passos para crescer na vida de comunhão, para passar pela morte do nosso falso "eu" isolado à vida pascal, do "eu" no "nós" eclesial.

Parece-me útil, a serviço de um Capítulo geral e de nossas escolhas e decisões, meditarmos juntos, o breve, mas intenso capítulo 3 da Regra, porque descreve um método de sinodalidade e de discernimento de comunhão. Nela se trata da *convocação* dos irmãos ao conselho. O verbo usado fala realmente de "convocar", e por isso lembra o significado original do termo "*Ekkleisa*", como si usava na Grécia antiga, que designava a assembleia popular em que assuntos de interesse geral eram discutidos e deliberados, e onde todos os cidadãos, em pleno gozo de seus direitos, participavam com a palavra e o voto.

A etimologia da palavra, como vocês sabem, envolve o verbo *kaleo*, chamar, convidar, convocar, precedido de *ek*, ou seja: desde, fora. Dá a ideia de uma convocação por eleição, uma assembleia na qual se é chamado pessoalmente, por escolha ou por direito, como era a assembleia de cidadãos na Grécia antiga.

Os cristãos se apropriaram deste termo para designar a comunidade dos fiéis em Cristo, o novo povo de Israel, convocado a se reunir em assembleia de comunhão, tanto litúrgica quanto sacramental e de discernimento, a serviço das decisões que permitem continuar caminhando juntos, seguindo Cristo, Pastor grande e bom de nossas almas. Quando uma determinada comunidade, de monges ou monjas, ou uma comunidade de comunidades, como existe em nossas Ordens, se reúne, deve renovar sua consciência de ser Igreja, de ser uma assembleia de pessoas convocadas por Deus, para viver a comunhão em Cristo e expressá-la como missão no tempo presente, adaptando-se às circunstâncias, lendo os sinais dos tempos. O abade, o superior, tem a responsabilidade, por primeiro, de se lembrar disto e ajudar os irmãos a exercitar uma verdadeira sinodalidade de comunhão.

Como dizia, isto exige uma conversão, uma morte de si mesmo, porque é assim que tanto o superior quanto os irmãos, são chamados a passar do "eu" autônomo ao nós, ou seja, ao "eu" em comunhão, ao "eu" fraterno.

Gostaria de sublinhar, então, no capítulo 3 da Regra de São Bento três pontos fundamentais de como isto pode acontecer. Parece-me que Bento descreve algumas

dimensões fundamentais da sinodalidade de comunhão, que todos nós precisamos aprofundar e exercitar, hoje mais do que nunca, na situação em que a Igreja e nossas famílias religiosas se encontram. Se parece faltar vitalidade, talvez seja porque não aceitamos passar da morte para a vida, através de um processo de comunhão fraterna.

1. Encontrar-se

O primeiro aspecto que chama a atenção, é a importância que todos estejam presentes. "Que o abade convoque toda a comunidade" (RB 3,1). Não é tão óbvio que se parta desta preocupação. Percebo, em meu ministério, que as comunidades encontram dificuldades em se encontrar verdadeiramente, em reunir-se, em reunir-se para compartilhar o que se pensa, o que se vive, se experimenta. E mesmo assim, como disse antes, esta é a característica fundamental da Igreja: ser uma assembleia de chamados, de pessoas chamadas a formar uma assembleia, ser "congregação", como São Bento aqui define a comunidade, isto é, literalmente, um rebanho que está junto e que reconhece apenas um pastor, como Jesus diz no capítulo 10 de João: "Eu sou o bom pastor, conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem, assim como o Pai me conhece e conheço o Pai e dou minha vida pelas ovelhas. E tenho outras ovelhas que não vêm deste rebanho, preciso conduzi-las também, e ouvirão a minha voz e haverá um rebanho e só um pastor". (Jo 10, 14-16). Como cantamos em *Ubi caritas: "Congregavit nos in unum Christi amor"*.

Esta negligência em encontrar-se não é um problema de hoje: já existia na Igreja primitiva, como denuncia a carta aos Hebreus: "Atentemo-nos uns aos outros, estimulemos uns aos outros na caridade e nas boas obras. Não abandonemos nossas reuniões, como alguns costumam fazer, mas exortemo-nos uns aos outros, especialmente quando vedes que o dia do Senhor se aproxima". (Hb 10,24-25)

Abandona-se algo por duas razões: porque não se dá importância ou porque se teme. Tenho, cada vez mais a impressão, de que mesmo por trás da indiferença se esconde um medo, um medo da realidade, porque encontrar-se, encontrar o próprio irmão, é uma imersão na realidade do outro que me revela a realidade de mim mesmo, e isto assusta. Mas quando entramos, quando cedemos e obedecemos a realidade dos outros, os encontramos verdadeiramente, e a realidade do outro, se manifesta em sua real beleza, e isto é um bem para mim, uma realidade "muito boa", como o próprio Deus diz depois de criar o outro além de Si, ou seja, o homem (cf. Gn 1,31). Caim teve medo de viver se encontrando, constantemente, com a bondade de Abel, então o mata. Se tivesse procurado um encontro com seu irmão, se tivesse falado com ele, se tivesse ouvido, teria descoberto que a companhia de Abel poderia lhe fazer bem, teria ensinado a viver melhor, a ter com Deus uma relação mais profunda, mais generosa e confiante.

Sempre me comovo com a cena de quando Jacó volta para casa com suas esposas, filhos e muitos bens, e fica sabendo que seu irmão Esaú vem ao seu encontro. Fica apavorado. Não sabe mais que tática usar, que truque diplomático inventar para tornar boa, uma realidade que não pode imaginar senão negativa e hostil. Mas quando se encontra diante de Esaú, percebe que seu irmão o ama, que chora de alegria por vê-lo novamente, por abraçá-lo, e que se esqueceu de todos os enganos que a astúcia de Jacó o fez sofrer, aproveitando-se de sua ignorância.

“Jacó olhou para cima e viu Esaú avançando com quatrocentos homens. Repartiu então, os filhos entre Lia, Raquel e as duas servas; colocou as servas com seus filhos na frente, depois Lia com seus, e por último, Raquel com José. E, ele passando adiante se prostrou até a terra sete vezes, antes de se aproximar de seu irmão. Mas Esaú correu ao seu encontro e o beijou; ele, atirou-se ao seu pescoço e o beijou-o, e puseram-se a chorar”. (Gn 33, 1-4)

O encontrar-se da Igreja, de nossas comunidades, não deveria acontecer apenas quando somos obrigados. Deveria ser a resposta amorosa a um convite cheio de amor, como quando o rei da parábola convida para as bodas de seu filho (cf. Mt 22, 1ss). Quanta dificuldade de se reunir com liberdade e desejo! Com quanta pouca alegria vamos, muitas vezes, ao encontro dos nossos irmãos e irmãs! Muitas vezes não temos consciência de que o encontro na Igreja, o estar juntos na comunidade, na Ordem, não tem caráter político, funcional, diplomático, mas teológico, porque é a forma essencial de realizar, em nós e entre nós, a imagem de Deus-Trindade, que somos e que somos chamados, convidados a nos tornar cada vez mais. Ter medo disto ou rejeitar isto por orgulho, é literalmente "diabólico", obra do "divisor", que quer destruir no homem a imagem de Deus, que Cristo regenerou com a morte e ressurreição e o dom do Espírito de Pentecostes.

As pessoas ou comunidades que aceitam encontrar-se, abrem-se à surpresa de um milagre de comunhão, que o Espírito deseja realizar no meio de nós.

2. Ouvir a cada um

O segundo aspecto que São Bento enfatiza no capítulo 3 da Regra, diretamente ligado ao primeiro, é que todos sejam ouvidos. Não é só o abade que deve ouvir, senão não haveria necessidade de convocar toda a comunidade, bastaria que ele falasse com cada monge e pedisse que cada um se exprima. Ao invés não, é importante que cada membro da comunidade ouça toda a comunidade. O escutar-se eclesial não é uma consulta, mas uma partilha.

São Bento insiste em ouvir cada irmão, mesmo o mais novo, ou seja, o último, porque a consciência do que é melhor, do que Deus quer de nós, é um consenso que se alcança formando um colar de anéis, que se cruzam um no outro, e somente quando o último anel se une ao primeiro, o colar se forma, é bonito e sólido.

O ouvir que São Bento fala não é uma questão de direitos democráticos: tem importância teológica. “Dissemos que todos fossem chamados a conselho porque muitas vezes o Senhor revela ao mais jovem o que é melhor” (RB 3,3). Trata-se de ouvir Deus, e ouvindo Deus temos a certeza que sabemos "o que é melhor", aquilo que tem para nós maior bondade, verdade e beleza.

Então, esta consciência da preferência que Deus tem pelo menor, pelo último, pelo menos importante aos nossos olhos ou aos olhos do mundo, torna-se uma disciplina não só da escuta, mas também da palavra. Cada irmão é convidado a fazer-se pequeno, a fazer-se "último", a ocupar o último lugar no banquete da partilha da Palavra: "Dêem pois os irmãos o seu conselho com toda a submissão da humildade e não ousem defender arrogantemente o seu parecer" (3,4).

Também aqui há a consciência de que, o que nos abre à verdade, não é a afirmação de nós mesmos, do nosso "eu", mas a afirmação do "nós", da comunhão. Só uma palavra expressa por um "eu" que se sacrifica ao "nós", é eco da palavra de Deus, da boa vontade de Deus, que quer o melhor para todos. O "eu" que se sacrifica ao "nós", na realidade se dilata, cresce, tanto que sua palavra se torna palavra de Deus, a sua vontade se torna a vontade de Deus.

Esta atenção, de escutar-se reciprocamente, com humildade, aumenta a comunhão muito mais do que tomar as melhores decisões. O problema não é tomar sempre as decisões certas, mas o de aumentar o consenso, o "sentir em conjunto" da comunidade, baseado no "*consensus fidei*", que o Espírito Santo nos faz perceber, quando percebemos que a Palavra de Deus faz vibrar, em nós e entre nós, o mesmo amor por Cristo, que é caminho, verdade e vida. "Nossos corações não queimavam quando Ele nos falava ao longo do caminho, quando nos explicava as Escrituras?" (Lc 24,32). Esta é a experiência que somos chamados a fazer juntos, porque o Ressuscitado continua presente, continua a nos falar, caminha conosco.

3. A autoridade sinodal: um coração pensante

O terceiro aspecto, a meu ver, é fundamental sobretudo para viver a responsabilidade e ter realmente autoridade, isto é, capaz de fazer a comunidade crescer na comunhão e na missão, a qual foi chamada por Cristo. São Bento pede ao abade: "Depois de ouvir o conselho dos irmãos, considere consigo mesmo e faça o que julgar mais útil." (RB 3,2)

"Audiens consilium fratrum tractet apud se et quod utilius iudicaverit faciat": esta frase deve ser meditada. O superior é chamado a julgar e agir, a responsabilidade é sua e não deve se abster. Mas aqui São Bento nos ajuda a compreender, que o bom senso e o bom trabalho de um responsável, a sabedoria do coração e da mão, como diz de Davi o Salmo 77 - "Foi para eles um pastor do coração reto e os guiou com mão inteligente" (Sl 77,72) - são fruto de uma *ressonância no coração do que se ouve dos irmãos e irmãs*.

"Audiens consilium fratrum tractet apud se". Parece que estou ouvindo São Lucas, quando diz que "Maria, por sua vez, guardava todas estas coisas, meditando-as no seu coração" (Lc 2,19). Maria sabia escutar a Deus, ouvindo as palavras dos simples pastores que foram adorar o Menino. O abade é convidado a fazer o mesmo, ouvindo todos os seus irmãos, até o último.

Esta meditação "*apud se*", este meditar com o coração, poderia se dizer no *habitare secum*, isto é, o que se ouve por todos - mesmo que escondido - é o aspecto mais importante da sinodalidade de comunhão, e creio que não se peça apenas ao superior, mas a cada um. Se a palavra compartilhada não chega até a meditação do coração, corre o risco de permanecer só uma ideia ou informação. Não se torna uma semente que cai no chão e dá muito fruto, mesmo que depois de muito tempo. Nesta meditação interior e silenciosa, vivida na oração, as palavras partilhadas ganham vida, tornam-se fecundas, tornam-se acontecimentos, novas realidades, processos de vida nova. Muitas vezes vejo faltar este nível de sinodalidade em mim e em muitos superiores. Mas se falta este "considerar consigo" nas palavras que trocamos, ficamos no nível político ou talvez ideológico da vida eclesial e comunitária, da vida da nossa Ordem, e assim a vida eclesial permanece frágil e dissipada, sem unidade verdadeira, à mercê das lutas de poder.

Etty Hillesum escreveu no campo de Westerbork, depois de ouvir suas companheiras reclamarem na noite: "Gostaria de ser o coração pensante de um campo de concentração inteiro" (*Diário*, 3 de outubro de 1942). Sim, se trata disto. Ouvir-se reciprocamente oferecendo às palavras, queixas, conselhos, ideias, projetos de nossos irmãos e irmãs, o nosso coração que escuta, que pensa, medita, como se oferecesse às palavras, a terra onde germinar e dar fruto, para o Reino de Deus.

O amor onipotente

Não posso concluir esta minha modesta meditação, sem pensar no último encontro de Santa Escolástica com o seu irmão São Bento (São Gregório Magno, *Diálogos*, II, 33). Escolástica e Bento se permitiam um pequeno "sínodo" fraterno anual, durante o qual louvavam a Deus e tinham "conversas sagradas". Ao cair da noite, Escolástica, convida insistentemente o irmão, a continuar esta conversa até de manhã "para falar um pouco das alegrias da vida celestial". Bento não quis ouvi-la, por causa da rígida fidelidade à disciplina monástica. Sabemos como a oração de Santa Escolástica causou uma tempestade imediata, que obrigou Bento a ficar com ela. "Assim, passaram a noite inteira rezando e saciando-se, com conversas sagradas de vida espiritual".

Quando Bento censura Escolástica por ter causado esta situação irregular, sua irmã responde com uma frase bem conhecida: "Eu te implorei, e não quiseste me ouvir; implorei ao meu Senhor, e Ele me ouviu". O grande e conciso comentário final de São Gregório foi: "E se João diz que 'Deus é amor', então foi muito justo que aquela que mais amou, pôde mais".

Este episódio nos lembra que a verdadeira realização de cada processo sinodal e fraterno, não é apenas o consenso das palavras e opiniões, mas o do amor, o consenso da comunhão na caridade de Deus. Muitas vezes pecamos em nos ouvir, em caminhar juntos e mais ainda em nos amar, uns aos outros. Mas Deus tudo repara, renova a comunhão, faz o caminho continuar dando um amor onipotente para quem pede e o ama como "seu Senhor".

"Implorei ao meu Senhor, e Ele me ouviu".

O santo Cura d'Ars, diz em um de seus simples, mas intensos pensamentos: "Nosso Senhor se compraz em fazer a vontade daqueles que o amam".

Deus ouve aqueles que o amam, obedece ao nosso amor de mendicantes.

Talvez nos esqueçamos, muitas vezes, de amar Cristo, para pedir que nos conceda caminhar juntos em seu amor.